

O ESPORTE COMO CATEGORIA DE AGÊNCIA HUMANA? O IDEAL UNIVERSALISTA DO ESPORTE EM DEBATE

¿EL DEPORTE COMO CATEGORÍA DE AGENCIA HUMANA? EL IDEAL UNIVERSALISTA DEL DEPORTE A DEBATE

SPORT AS A CATEGORY OF HUMAN AGENCY? THE UNIVERSALIST IDEAL OF SPORT UNDER DEBATE

Guilherme Moreira Gomes da Cruzⁱ  

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo principal propor uma reflexão sobre o ideal universalista do esporte. O esporte é apresentado constantemente a partir de uma perspectiva positiva e em certos posicionamentos visto como uma prática comum em qualquer sociedade e nos mais diversos períodos históricos. Entretanto, é necessário compreender que a universalidade do esporte é um problema de classificação que precisa considerar as marcas da modernidade como contexto de sistematização das atividades e o estabelecimento das relações de poder. Nesse sentido, é necessário investir no debate a respeito da universalidade do esporte, assim como da própria modernidade, advertindo sobre as fissuras nesse ideal e refletindo sobre a potencialidade de conceber o esporte de maneira heterogênea e dinâmica.

Palavras-chave: Esporte; Modernidade; Universalidade.

Resumen: El principal objetivo de este trabajo es proponer una reflexión sobre el ideal universalista del deporte. El deporte es constantemente presentado desde una perspectiva positiva y en determinadas posiciones visto como una práctica común en cualquier sociedad y en las más diversas épocas históricas. Sin embargo, es necesario comprender que la universalidad del deporte es un problema de clasificación que requiere considerar las marcas de la modernidad como contexto para la sistematización de actividades y el establecimiento de

ⁱ Bacharel e Licenciado em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2020). Mestre (2023) e doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da mesma instituição. Membro do Grupo de Estudos Políticas de Preservação do Patrimônio Cultural ligado ao Núcleo de Documentação, História e Memória, da UNIRIO.

relaciones de poder. En este sentido, es necesario invertir en el debate sobre la universalidad del deporte, así como sobre la propia modernidad, advirtiendo sobre las grietas de este ideal y reflexionando sobre el potencial de concebir el deporte de manera heterogénea y dinámica.

Palabras clave: Deporte; Modernidad; Universalidad.

Abstract: The main objective of this work is to propose a reflection about the universalist ideal of sport. Sport is constantly presented from a positive perspective and in certain positions seen as a common practice in any society and in the most diverse historical periods. However, it is necessary to understand that the universality of sport is a classification problem that needs to consider the marks of modernity as a context for systematizing activities and establishing power relations. In this sense, it is necessary to invest in the debate regarding the universality of sport, as well as modernity itself, warning about the cracks in this ideal and reflecting on the potential of conceiving sport in a heterogeneous and dynamic way.

Keywords: Sport; Modernity; Universality.

INTRODUÇÃO

O trabalho tem de ser duradouro para exercer sobre os esportes do futuro essa influência necessária e benéfica que busco – uma influência que deve fazer deles o meio para que a juventude forte e promissora de nossa raça branca alcance a perfeição, contribuindo por sua vez desse modo para a perfeição de toda a sociedade humana.¹

A passagem acima foi retirada de um artigo escrito pelo barão Pierre de Coubertin, em 1908, as vésperas dos Jogos Olímpicos de Londres. No texto, Coubertin busca argumentar em prol da consolidação dos Jogos como um aspecto importante do desenvolvimento da juventude moderna. Para ele os jogos deveriam cultivar certos valores associados ao esporte (orgulho, alegria, lealdade são alguns deles), e diferenciar-se em alguma medida de seu exemplar básico, os Jogos Olímpicos Antigos, tornando-se verdadeiramente moderno para atrair o interesse dos jovens e das nações referidas como civilizadas. De maneira breve, esse é o trabalho ao qual ele argumenta que deve ser duradouro, segundo a expectativa de Pierre de Coubertin, para que no futuro a raça branca alcançasse a perfeição e a semeasse para toda sociedade humana.

Escolhi o que podemos chamar de olimpismo para iniciar essa discussão obviamente por se tratar de uma ideia ou um conjunto de valores que se tornou efetivamente duradouro e

sólido, assim como vislumbrou o idealizador dos Jogos, e tem seu alicerce centrado em uma noção bastante nítida de universalidade. Ainda que seja impreciso conceituar o olimpismo como um sinônimo de esporte, o projeto iniciado no final do século XIX por Coubertin conformou as bases de um ideal universalista do esporte, determinando a partir da consolidação dos Jogos Olímpicos as práticas esportivas/esportivizadas ao mesmo tempo como produtoras e produtos da modernidade, e projetando-o a partir de um ethos positivo em qualquer contexto de sua reprodução. Esse sentido atribuído ao esporte não é inócuo se observado a partir das relações de poder entre o que determinou as práticas como esportes e as práticas incorporadas, excluídas ou ocultadas dessa classificação.

Os Jogos Olímpicos foram concebidos a partir do projeto de modernidade de seu criador (MELO, 2007, p. 357). Pierre de Coubertin era uma figura atuante nos debates sobre o corpo na modernidade defendendo o desenvolvimento potencialmente gerado pelo encontro desse corpo com a ginástica e jogos esportivos. Victor Andrade de Melo (2007), ao contextualizar a invenção dos Jogos por Pierre de Coubertin, sinaliza para o desconforto, incômodo e descontentamento presente no final do século XIX, sobretudo na França, causados pela expansão das cidades e pelas novas dinâmicas sociais dessa modernidade. Com um caráter restaurativo os Jogos Olímpicos seriam (re)criados baseados numa suposta continuidade com outros períodos históricos, como a antiguidade e mesmo outros períodos da modernidade, funcionando também como um meio de preservar ideais aristocráticos (VAZ, 2000, p. 76). Além do caráter restaurativo, os defensores do Movimento Olímpico moderno também guardavam uma preocupação com a universalização da instituição esportiva (RUBIO, 2002, p. 137). Desse modo, a consolidação dos Jogos Olímpicos como um importante vetor da instituição esportiva permeia a universalização de tais práticas que passaram por uma sistematização e racionalização que data desde a segunda metade do XVIII, atingindo um grau mais alto de organização no XIX (GUTTMANN, 2000).

O objetivo desse trabalho é propor um debate a respeito de um ideal universalista articulado ao esporte que foi estabelecido nesse contexto. Para isso é necessário compreender, a princípio, a complexidade de conceituar o esporte a partir das inúmeras expressões e experiências que podem ser interpretadas como esportivas ao longo do tempo. Ao entender as marcas de tal delimitação é possível notar uma tensão no ideal universalista, já que o principal conceito de esporte é produto da sistematização de um determinado período histórico e de relações sociais específicas. Nesse sentido, o que se propõe para pensar a profundidade do ideal

universalista do esporte e seus limites é uma reflexão inicial sobre o que significa o esporte considerando sua relação com a modernidade, com o “Homem Universal” de referência iluminista, com o capitalismo e a globalização, mas também com outras formas de concebê-lo, por exemplo, a partir de uma possível aproximação com a noção de decolonialidade.

A POLISSEMIA DO ESPORTE EM PAUTA

Após a breve introdução acima, fica previamente estabelecido alguns dos motivos que tornam tão complexo responder à provocação do título e determinar o esporte como uma categoria de agência humana. A noção de categoria humana deriva da perspectiva do antropólogo José Reginaldo Gonçalves, que interpreta outro fenômeno como uma categoria de pensamento humano, nesse caso o patrimônio. Gonçalves (2007), ao compreender que qualquer coletividade humana tem como prática colecionar saberes, pensamentos, objetos, características, entende que as práticas colecionistas são traduzidas como processos de formação de patrimônios, logo o patrimônio seria uma condição de pensamento humana. Me apropriei da ideia basilar de Gonçalves e a articulei ao esporte para refletir sobre os limites de uma prática esportiva à qual se poderia atribuir, assim como o antropólogo o fez ao patrimônio, tal grau de universalidade.

Em primeiro lugar, a única possibilidade de atribuir ao esporte tal característica seria adotando uma conceituação bastante abrangente para o termo. Alguns autores vão justamente discutir a polissemia do esporte, como o trabalho de Wanderley Marchi Junior (2015), e as concepções que reforçam essa visão abrangente devem seguir duas linhas principais: 1) do entendimento de que qualquer prática de lazer que demande esforço físico pode ser lida como uma atividade esportiva; 2) do entendimento de que a partir da institucionalização do esporte moderno, que tem como características seu impulso civilizador e seu florescimento no interior de sociedades industriais, as práticas esportivizadas expandiram para todas as regiões do globo. Em cada uma dessas interpretações há problemas evidentes. Assumir que toda prática de lazer que demande esforço físico pode ser vista como uma atividade esportiva é reforçar uma visão essencial do esporte de que ele sempre existiu em todas as culturas, e apenas se atualizou em diferentes contextos históricos (BRACHT, 2002). Já o entendimento generalista de que o esporte, sobretudo as vertentes educativa e espetacular do esporte, é parte do cotidiano, direta

ou indiretamente, de todas as regiões do globo, deve levar em consideração que essa presença está inserida em um processo hegemônico de tentativa de universalização da cultura ocidental.

Compreender que o esporte sempre existiu em todas as culturas pode dirimir o impacto da separação entre um esporte moderno e as práticas de outrora, e por consequência pode promover uma visão positiva de que outras culturas não ocidentais também são produtoras de cultura esportiva. Por outro lado, essa falta de incidência articulada à nova forma de conceber a cultura corporal dentro da modernidade europeia é um ponto crítico, pois tal interpretação também pode reduzir a importância de uma marca histórica, promovendo o esporte como um mito esportivo capaz de legitimar e camuflar mais facilmente o caráter eurocêntrico do processo de esportivização das práticas corporais de culturas não ocidentais (BRACHT, 2002).

A segunda interpretação pode levar em conta a noção de descontinuidade entre as práticas modernas, elas sim esportivas dentro dessa perspectiva, e as práticas anteriores que seriam classificadas de outras formas, especialmente como jogos tradicionais. Portanto, o esporte segundo tal acepção teria uma origem demarcada na modernidade europeia com a institucionalização de modalidades, com a criação de federações e outros órgãos deliberativos e administrativos. A partir dessa sistematização as práticas esportivas seriam levadas a todas as regiões do globo como um elemento da modernidade ocidental capitalista. E de fato, o século XX tem como marca a expansão das práticas esportivas de maneira geral, basta notar o número de países representados em competições esportivas internacionais, e mesmo seus próprios calendários de competições internas, ou olhar os crescentes índices de audiência dos maiores eventos esportivos como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de futebol. Outro ponto que confirma essa consolidação seria a chancela da Unesco em 1978 com a publicação da Carta Internacional da Educação Física e do Esporte, que proclamava a prática do esporte e da educação física como um direito fundamental de todos (UNESCO, 1978).

O historiador Samuel Clevenger (2017) questiona essa narrativa por considerar que com ela é pretendido explicar a origem histórica do esporte moderno apenas por meio dos processos que envolvem a sociedade ocidental, desconsiderando qualquer relação com os contextos e com a produção de conhecimento em sociedades pré-modernas e/ou não ocidentais. O posicionamento de Clevenger vai de encontro à perspectiva de Allen Guttmann, que teria sido fundamental para consolidar a narrativa da inserção eurocêntrica na história do esporte. Em diálogo com Latour, Samuel Clevenger critica a separação estanque da classificação que qualifica as coisas como modernas, já que isso implicaria na definição por contraste do que

seria arcaico. Adotar essa narrativa poderia promover a invisibilização da produção de uma cultura esportiva não ocidental ou ao menos híbrida.

John Bale e Mike Cronin (2003), centrados numa abordagem pós-colonial, enumeram sete exemplos para pensar formas esportivas pós-coloniaisiii. Apesar de estabelecerem a globalização do esporte como elemento essencial da experiência colonialista, a perspectiva de Bale e Cronin, assim como as críticas de Clevenger à historiografia do esporte, nos permitem compreender que a interpretação do esporte com base em sua capilaridade englobante deve levar em conta a agência das sociedades não ocidentais dentro do processo de consolidação do chamado esporte moderno ao resistir, adaptar, transformar, produzir também cultura esportiva. Mesmo o historiador estadunidense Allen Guttman, criticado por Clevenger por dirimir a participação de outros agentes não ocidentais na expansão do esporte moderno, compreende que a participação em atividades esportivas, seja como atletas ou espectadores, também pode gerar o encorajamento, a inventividade, e a insurgência em relação à arbitrariedade das regras e às estruturas mais amplas de controle, sendo um aspecto relevante por exemplo em movimentos nacionais de independência (GUTTMANN, 2000, p. 256).

Portanto, mesmo que não classifiquemos as práticas anteriores à modernidade como esportivas, é possível ampliar o significado do esporte considerando que mesmo no interior de uma relação de poder desproporcional existem experiências que legitimam uma participação ativa de sujeitos não ocidentais ou subalternizados que puderam incidir, se apropriar, e transformar as práticas esportivas. Ainda assim, sobretudo a partir da afirmação de uma lógica recente de globalização e mercantilização do esporte, a universalização das práticas esportivas acompanhada de um ideal de padronização abre um novo contexto de debate. Além disso, as raízes que sustentam o ideal universalista básico do esporte são profundas e implicam numa constante atualização da lógica moderna que está na origem deste problema.

A PROFUNDIDADE DO IDEAL UNIVERSALISTA DO ESPORTE

O esporte se torna um espaço de criação de ídolos, fortalecedor de um ideário de superação e práticas extraordinárias, meritocracia e assepsia moral. Tais características contribuem para seu processo de mercantilização. Além disso, o esporte ainda incorpora (às vezes de forma exagerada) valores próprios de discursos fortalecedores da ideia de anti-sedentarismo e uma perspectiva salvadora (salva das drogas, educa, tira crianças das ruas...) (MARQUES, 2015, p. 157)

O trecho supracitado aborda aspectos referentes ao contexto esportivo contemporâneo. Nessa argumentação é possível deflagrar os ideais que configuram a manutenção de uma perspectiva universalista para o esporte. De todo modo, o autor diferencia o esporte contemporâneo do esporte moderno, considera o primeiro herdeiro do segundo. O esporte contemporâneo segue identificado como campo social que concentra algum grau de autenticidade, no entanto, sem se tratar de um fenômeno completamente novo, já que as modificações são vistas como resultado da adaptação do esporte moderno a um distinto cenário (MARQUES, 2015).

Adotar essa separação se faz necessário principalmente pelo processo de mercantilização articulado ao contexto esportivo engendrado com mais força a partir dos anos 1970. Todavia, as raízes dos ideais que permeiam esse novo cenário são mediadas pelo esporte enquanto vetor da modernidade ocidental. Os valores que foram incorporados ao esporte moderno em sua origem têm uma natureza próxima daquilo que Marques (2015) chamou a atenção, eles estão associados também ao fortalecimento da juventude, mas iam além disso. Os valores de civilidade, liberdade, disciplinação, e especialmente, progressão, estão na base do ser esportivo na modernidade. Obviamente essa não é a base apenas do ser esportivo, ela é o fundamento do homem moderno que se pretendia universal. Não é à toa que Kant (2009) afirmou que o homem passou “da rudeza de uma mera criatura animal para a humanidade, da muleta do instinto para a condução da razão, em uma palavra, a passagem da tutela da natureza para o estado da liberdade”, e partir de então passou a progredir para a perfeição. E se o controle cognitivo e o avanço técnico seriam alcançados somente por meio do racionalismo e do cientificismo, da razão e da empiria (DUARTE, 2004), seria esse o caminho traçado para a criação do “Homo Sportivus” (BENTO, 2007).

O ideal do “Homo Sportivos”, conforme definiu Jorge Olímpio Bento (2007), é importante por demarcar a projeção de um novo homem dentro de um período singular da modernidade. Segundo Bento, é após a Segunda Guerra Mundial, um momento de contestação do movimento moderno, de crítica à razão iluminista ou da crítica à aplicação incorreta dela (HARVEY, 1989), que se assenta o “Homo Sportivus”:

O decurso do século XX, sobretudo a partir do final da Segunda Guerra Mundial (terrível mancha negra de dúvidas e traumas derramadas em cima da ilusão esperançosa da possibilidade da caminhada progressiva em direção a uma Humanidade livre e radiosa), consolidou e reforçou as características e exigências atrás expostas, levando ao nascimento do “Homo Sportivus”, uma espécie de

SEMINA - REVISTA DOS PÓS-GRADUANDOS EM HISTÓRIA DA UPF – ISSN: 2763-8804

redescoberta e ênfase do homem total e integral. (...) Mais uma vez emerge a ânsia de renovação da vida e do homem e o desporto vê-se solicitado a cumprir a função de meio miraculoso, ajudando a reanimar e realizar uma expressão extraordinária da nossa Humanidade. Ou seja, o “Homo Sportivus” apresenta-se como um ideal de síntese que concebe e anuncia um homem não apenas novo, mas sobretudo superior, reunindo em si corpo e alma, espírito e natureza, bondade e força; e correspondendo a uma criação e conjugação maravilhosas de elementos heróicos e divinos com apreciado estatuto de sublimação, entronização e eternidade. (BENTO, 2007, p. 320).

Assim, ao esporte seria atribuído um papel mais central, ao passo que o “otimismo” de um período progresso da modernidade se encerrava com as bombas e os campos de concentração da Segunda Guerra (HARVEY, 1989). O esporte foi sistematizado no período anterior, mas se tornou um vetor de reanimação e regeneração nesse cenário de desilusão, como um canal de resistência de valores positivos completamente abalados pelas mazelas do conflito. Por conta disso, seria desencadeada ao longo do século XX uma “onda de desportivização dos mais variados ângulos e aspectos da sociedade” (BENTO, 2007, p. 320).

Ao ter sua importância ampliada nesse contexto, o ideal do esporte como qualidade universal humana ganhou maior fôlego enquanto outros elementos fundacionais da modernidade passaram a ser mais contestados. O encontro subsequente entre nações representadas por atletas em competições esportivas, a esportivização de práticas tradicionais em diversos países, ou a defesa do investimento no esporte como educação, sustentam a tese de que o esporte pôde se tornar um ponto central de expressão de um otimismo, de um cosmopolitismo, de liberdade e realização técnica, ética e estética da humanidade. Certamente, há muitos aspectos questionáveis no seio de uma interpretação tão benevolente sobre o fenômeno esportivo, sobretudo a partir de sua crescente mercantilização na segunda metade do século XX.

Ora, tal explanação pode provocar a sensação de que o esporte tem se atualizado perdendo características que faziam dele moderno, já que a própria modernidade não é mais a mesma. Isso implicaria afirmar que a modernidade se esgotou, e que, portanto, o esporte moderno já é outro, algo como contemporâneo ou pós-moderno? Certamente, a cultura esportiva que se fixa na modernidade tem ganhado novos atributos, contornos, sentidos, não porque a modernidade não é mais seu alicerce, mas porque a modernidade também poder ter sua multiplicidade. Essa ideia é apresentada por Eisenstadt (2001) em *Modernidades Múltiplas*, texto no qual o sociólogo localiza a origem do programa cultural e político da modernidade na Europa ocidental e central, mas argumenta sobre o surgimento de projetos de modernidades

alternativas mesmo na Europa e em outros continentes, especialmente ao longo do século XX. Isso não quer dizer que as modernidades múltiplas não sigam traços comuns ou não incorporem elementos modernos tidos como universais, como o estabelecimento do sistema dos Estados-nacionais ou das instituições esportivas, mas sim que esses projetos são construídos de maneira dialógica e podem gerar novos encaixes (EISENSTADT, 2001, p. 150).

Esses são questionamentos fundamentais para a historicização do esporte, de sua inserção em determinados períodos históricos e de seu atravessamento com questões sociais específicas. Além disso, é necessário o debate para que não se reproduza uma crença de que o fenômeno esportivo possa estar isolado das tensões que envolvem discussões sobre cultura, política, sociedade, economia, ecologia, gênero, e assim assuma um sentido imanentemente positivo. Manoel Tubino salienta que os efeitos sociais negativos do esporte se dão pelo “mal uso de suas potencialidades de conteúdo”, e até mesmo pelos “discursos de sua promoção como um dos melhores meios de convivência” (2001, p.42). A argumentação de Tubino deflagra a relevância de se pensar o esporte não como um fenômeno que segue padrões naturais, mas sim como algo construído e mobilizado segundo lógicas determinadas. Desta forma, Manoel Tubino lista alguns dos efeitos negativos do esporte que precisam ser encarados. Gostaria de propor um exercício semelhante destacando duas questões de acordo com as reflexões desenvolvidas até aqui para elucidar alguns dos aspectos nos permitem pensar sobre os limites do ideal universalista do esporte.

PENSANDO ALGUNS LIMITES DO IDEAL UNIVERSALISTA DO ESPORTE

A primeira das questões se aproxima de um dos efeitos listados por Tubino: a discriminação contra a mulher no esporte. Leonardo de Brito afirma que o esporte é um espaço-tempo historicamente construído pela “legitimação de virilidade, força, agressividade, vigor, coragem e distância de qualquer aspecto do que se reconhece como feminino” (2021, p. 2). Não obstante no esporte moderno foram apresentadas tantas barreiras para que as mulheres participassem das atividades em diferentes instâncias. Portanto, o esporte moderno, corolário de um modelo de “homem universal”, é um espaço de exclusão que contém instrumentos impeditivos, ou seja, sujeitos não articulados com certa expressão da identidade masculina estão alijados do esporte por ele contribuir para a manutenção de estruturas patriarcais e para o predomínio de identidades masculinas extremadas (BRITO, 2021). Em associação com

Raewyn Connell (2000), Leonardo de Brito, destaca o quão importante é a performance esportiva, tanto quanto o exercício da sexualidade, para a formação de identidade de homens cisgêneros heterossexuais.

Nesse sentido, orientados pela proposição de Judith Butler, podemos afirmar que o esporte é um lugar privilegiado para observar como “a identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como resultados”, e que por isso “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero” (BUTLER, 2018). Logo, o esporte está profundamente articulado à lógica de gênero de produção binária e ao fomento de um regime de poder masculino, tão arraigado no contexto esportivo, e que provoca efeitos negativos mesmo para os homens, entre todas as suas identificações possíveis (BRITO, 2021). O problema reside no discurso e se apoia em significados culturais que visam naturalizar padrões de gênero, por isso a relação entre gênero e temas como o esporte deve ser aprofundada diante de toda sua complexidade, para que possamos indagar quem pode ser esportivo e de que maneira podem performar o esporte. Apenas essa questão já nos permite expor alguns dos limites de um ideal de universalização do esporte que está vinculado à naturalização dos padrões de gênero e à expressão de um regime de masculinidade hegemônico, características que promovem formas de exclusão que permitem questionar qualquer ideal de universalidade.

A segunda questão está associada aos significados atribuídos ao esporte em ambas as interpretações comentadas na sessão anterior do texto. Conforme já foi apresentado cada um desses significados carrega consigo uma série de problemáticas que tem em síntese um lugar-comum. Seja pela ótica da descontinuidade e da sistematização das modalidades, ou pela ótica de que o esporte sempre existiu em todas as culturas e se atualizou, o esporte é lido como um fenômeno sociocultural. Um fenômeno de qual sociedade e de qual cultura? Se a modernidade europeia que o gerou seguindo parâmetros rígidos e o espalhou pelo mundo, eclipsando outras formas de produção de cultura de movimento (interpretação 1), ou se ela classificou tudo como esporte independentemente da natureza de outras culturas de movimento produzidas em diferentes espaços ou períodos da história (interpretação 2), a universalidade dever recair sobre um incontornável etnocentrismo.

Observar, por exemplo, sociedades não ocidentais a partir de suas culturas de movimento como um “laboratório”v em que essas expressões são analisadas como pré-esportivas, que em algum estágio de desenvolvimento se tornariam esportivas seguindo a régua do esporte moderno e do progresso, é uma forma de classificar e restringir o que essas práticas

podem significar e representar em diferentes sociedadesvi. Essa é uma questão pertinente especialmente para os campos da antropologia e da história do esporte. A produção de um conhecimento mobilizada nesse tipo de abordagem pode encorpar a retórica de superioridade branca assentada em teses como do evolucionismo socialvii, mais um elemento da modernidade ocidental, e reforçar o principal componente cultural europeu que sustenta essa hegemonia no interior e fora da Europa: “a ideia de uma identidade europeia superior a todos os povos e culturas não europeus” (SAID, 2007, p. 34). São essas ideias que estão expostas em falas como a da abertura do trabalho na qual Pierre de Coubertin se referiu à raça branca como mais capacitada a ser esportiva e atingir a perfeição.

De modo paralelo, imaginar que a raça branca ao atingir tal perfeição a espalharia para “toda sociedade humana”, é acreditar na hipótese de que a esportivização das práticas em outras sociedades subsequente ao início da sistematização das modalidades foi um processo ativo apenas da parte do esforço da colonização e do imperialismo. Ainda que a rigidez das regulamentações as mantenha à margem, de algum modo dando continuidade a um imperialismo informal (BALE & CRONIN, 2003), expressões da cultura esportiva no presente e no passado que deflagram o papel ativo de grupos subalternizados são um indicativo de uma agência que mesmo em uma posição inferior de poder tem um potencial transformador. Não por acaso o antropólogo Vincenzo Padiglione (1995) compreende que através de uma crescente heterogeneidade do fenômeno esportivo os “esportes ocidentais” tendem a perder a sua rigidez definidora; ou que apoiadores do olimpismo atual como Jim Parry (2016) defendam que cada nação encontre uma forma de expressão exclusiva com base em sua cultura, tradição e história para que o fenômeno esportivo se amplie com a adesão multicultural.

Há também manifestações que não estão pautadas no reconhecimento de instituições esportivas ocidentais, como as duas edições dos Jogos das Novas Forças Emergentes nos anos 1960, que apesar de reproduzirem de algum modo os Jogos Olímpicos e não se consolidar com outras edições, foi uma tentativa de construir uma alternativa baseada no protagonismo esportivo afro-asiático (EICHBERG, 1997). Iniciativas como essas deflagram tanto a expressão de um colonialismo contínuo quanto a agência das populações colonizadas, nesse caso, produtoras de uma cultura esportiva que em certa medida integra suas próprias práticas e conceitos com aquelas que foram introduzidas ou impostas pelas relações de colonização e imperialismo. Henning Eichberg (2002) compreende que o fim da colonização, no campo do esporte, não teve como consequência a desestruturação dos mecanismos internacionais de

exclusão, mas nem por isso outras formas de produção de cultura esportiva deixaram de existir. O sociólogo alemão afirma ser esse um caminho viável para construção de uma nova ordem esportiva internacional, a produção de uma cultura esportiva não centrada no reconhecimento de instituições ocidentais, já que o esporte olímpico, tido como universal, não é nem natural nem para todas as pessoas, mas sim o resultado de um processo de dominação histórico-cultural do Ocidente não mais aceito (EICHBERG, 2002, p. 103).

Portanto, além de aperfeiçoar as abordagens na história do esporte, partindo de um exercício como o de provincializar a Europa proposto pelo historiador indiano Dipesh Chakrabarty (2008), é preciso compreender as manifestações esportivas e a cultura corporal com base no que elas significam para quem as experienciam no passado e no presente (MARQUES, 2015). Por isso, é necessário contestar o ideal de universalização do esporte partindo de outras perspectivas considerando as relações desproporcionais de poder, mesmo que ele esteja tão enraizado na consolidação do esporte com um aspecto cultural global, mesmo que a recente mercantilização e padronização reforce esse ideal atualizando valores da modernidade ocidental.

Autores como Ramon Grasfoguel (2016) e Enrique Dussel (2008) propõem uma substituição da modernidade pela trans modernidade justamente por acreditar que é por meio da adesão a uma diversidade epistemológica da decolonialidade que será superada a universalidade euro centrada. Destarte, pensar o esporte pela perspectiva de colonial pode ser um direcionamento profícuo projetando outros sentidos para esse conjunto práticas socioculturais. Ainda que não seja possível desatrelar completamente o esporte da modernidade porque ela o constituiu enquanto uma prática moderna e sistematizada impactando sobre outras formas de concebê-la, refletir sobre essas possibilidades é fundamental. É necessário questionar essa articulação já que a universalidade do esporte não é um dado natural, e assim como a modernidade ocidental que serve como seu principal alicerce, foi estabelecida a partir de um discurso civilizatório, de progresso e desenvolvimento, que busca silenciar a perversidade e a violência da colonização e do imperialismo. Nesse sentido, seja pelas opções descolonias das quais tratou Walter Mignolo (2017), ou de outros projetos, é preciso investir numa definição do esporte e da cultura corporal que abarque seu caráter plural, complexo e heterogêneo, e seu uso comum e cotidiano (MARQUES, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero, ao final, ter levantado questões relevantes para este debate, o que foi meu objetivo desde o princípio ao realizar esse trabalho. Seguramente o ideal universalista do esporte é tão profundo e enraizado porque se trata de um aspecto da modernidade ocidental, que carrega a mesma característica. No entanto, tentei demonstrar que dentro desse ideal há fissuras que permitem questionar os limites de uma universalidade, que por fim, é bastante contestável. Desse modo, podemos diferenciar o que é a pretensão de um discurso de universalidade do que seria a realização do ideal universalista, que apesar de toda a força política e do desequilíbrio de poder, de maneira alguma se confirma completamente, nem mesmo após todo o processo de sistematização das práticas esportivas ao longo do século XX. A mercantilização do esporte contemporâneo e a atualização da pretensão de universalidade é mais um capítulo dessa história que favorece a uniformidade, mas as culturas esportivas seguem sendo produzidas e as práticas sendo apropriados por agentes que os desarticulam dessa lógica. Além disso, ao longo desse período diferentes formas de produção culturas corporais e esportivas conviveram e ainda convivem, e há um movimento em prol da preservação de algumas dessas expressões tradicionaisviii.

Chego neste encerramento do trabalho com o sentimento dúbio que o esporte tem provocado em mim. Da emoção e euforia de experimentá-lo como espectador ou praticante, à perplexidade de compreender o processo violento de sua consolidação entre as experiências de colonização e imperialismo, à contradição de seguir consumindo-o como espetáculo e mercadoria, chego à conclusão de que o esporte não deixará de ser atravessado por interesses concorrentes. Tal fator deflagra mais uma vez a importância deste fenômeno. Em síntese, apenas com esse motivo já se explicaria por que o debate sobre o ideal universalista do esporte deve ser aprofundado. Em meio essa disputa cabe aos intelectuais engajados nos estudos sobre o esporte propor caminhos que, além de introduzir limites para a universalização, promovam estratégias profícuas que impliquem na consolidação de um sentido para o esporte que não oculte sua marca historicamente eurocêntrica, mas que o conceba de maneira mais plural. Acreditar numa essência imanente ao fenômeno esportivo ou numa espécie de linha evolutiva da cultura corporal apenas reafirma projetos como o do barão Pierre de Coubertin, o que limita o potencial de sentidos que podem ser atribuídos a manifestações socioculturais como as

esportivas, e reprime uma construção de mundo diferente daquela que foi projetada pela modernidade ocidental e pelo “Homem Universal”.

NOTAS

ⁱ O artigo intitulado “Por que restabeleci os Jogos Olímpicos?” foi publicado numa coletânea de textos de autoria de Pierre de Coubertin. Para saber mais, ver MÜLLER, Norbert; TODT, Nelson Schneider (Ed.). *Pierre de Coubertin (1863-1937) – Olimpismo – Seleção de textos*. EDIPUCRS, 2015.

ⁱⁱ “From the British Isles, modern sports went forth to conquer the world” (GUTTMANN apud CLEVENGER, 2017, p. 6).

ⁱⁱⁱ “1) culturais corporais pré-coloniais que sobreviveram ao colonialismo e nunca foram esportivizadas – como o salto tradicional ruandês. 2) Culturas corporais indígenas que foram transformadas em esportes modernos – como o lacrosse. 3) Culturas corporais que foram “inventadas” pela colônia – como o baseball e o basquete nos EUA. 4) Esportes coloniais que foram modificados pelas colônias e se tornaram esportes nacionais distintivos – como o futebol gaélico e o futebol australiano. 5) Esportes que foram difundidos pelas potências imperiais e adotados sem mudanças de regras em países colonizados – como o futebol e o críquete. 6) Esportes inicialmente introduzidos durante a colonização, mas que mudaram a partir da adoção de “estilos regionais” – como o futebol no Brasil e a corrida no Quênia. 7) Esportes híbridos – como o críquete Trobriandês.” Tradução livre.

^{iv} Entre os efeitos negativos listados por Tubino estão: a) a reprodução compulsória do esporte-performance na educação; b) as violências do esporte-performance; c) a discriminação contra a mulher no esporte; d) o uso ideológico-político do esporte; e) a preponderância da lógica do mercantilismo no esporte.

^v A ideia de “laboratório” está presente em textos como da antropóloga Ruth Benedict (2013), que enxerga nesse método uma forma de estudar a diversidade das instituições humanas, sobretudo, para analisar as chamadas culturas primitivas.

^{vi} Clifford Geertz (1989) considera perniciosa a noção de “laboratório natural” na antropologia contrariando a hipótese de que através dela seriam alcançados dados mais puros ou elementares. Segundo ele “a análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descoberta do Continente dos Significado e mapeamento da paisagem corpórea” (GEERTZ, 1989, p. 30-31).

^{vii} Ver em LÉVI-STRAUSS, Claude. “Raça e História”, in *Antropologia Estrutural II* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

^{viii} Na Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade é possível encontrar manifestações culturais tradicionais relacionadas a atividades esportivas, em um sentido mais amplo, como a arte marcial georgiana chidaoba/chideba, a tradição indonésia do pencak silat, o hurling/camogie irlandês, ou a charrería mexicana.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alexandre. A crítica de ponta-cabeça: sobre a significação de Kant no pensamento de Foucault. *Trans/form/ação*, v. 30, p. 25-40, 2007.

BALE, John; CRONIN, Mike. *Sport and Postcolonialism*. New York: Berg, 2003.

BENEDICT, Ruth. *Padrões de cultura*. Editora Vozes, 2013.

BENTO, Jorge Olímpio. Do "Homo Sportivus": relações entre natureza, cultura e técnica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 4, p. 315-330, 2007.

BETTI, Mauro. Cultura corporal e cultura esportiva. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 44-51, 1993.

BRACHT, Valter. Esporte, história e cultura. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueiredo (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, p. 191-205, 2002.

BRITO, Leandro Teófilo de. Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

CHAKRABARTY, Dipesh. **Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference**. Princeton University Press, 2008.

CLEVENGER, Samuel M. Sport history, modernity and the logic of coloniality: A case for decoloniality. **Rethinkinghistory**, v. 21, n. 4, p. 586-605, 2017.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A pulsão romântica e as ciências humanas no Ocidente. **Revista Brasileira De Ciências Sociais**, v. 19, p. 5-18, 2004.

EICHBERG, Henning. Olympic Sport: neo-colonialism and alternatives. In: BALE, John; PHILO, Chris (Ed.). **Body Cultures Essays on Sport Space and Identity by Henning Eichberg**. Routledge, 2002.

EISENSTADT, Shmuel Noah. Modernidades Múltiplas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 35, p. 139-163, 2001.

FIRMINO, Flávio Henrique.; PORCHAT, Patrícia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de "problemas de gênero". **Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 51-61, jan./ jun. 2017. ISSN: 1413-2060.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GONÇALVES, José Reginaldo. **O espírito e a matéria: o patrimônio enquanto categoria de pensamento**. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios, 2007.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, p. 25-49, 2016.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1989.

JÚNIOR, Wanderley Marchi. O esporte "em cena": perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um Modelo Analítico. **Revista da ALESDE**, v. 5, n. 1, p. 46-67, 2016.

KANT, Immanuel. Começo conjectural da história humana. **Cadernos de Filosofia Alemã**, v. 13, p. 109-124, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "Raça e História". In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

- MELO, Victor Andrade de. De Olímpia (776 aC) a Atenas (1896) a Atenas (2004): problematizando a presença da Antiguidade Clássica nos discursos contemporâneos sobre o esporte. **PHOÏNIX**, v. 13, n. 1, p. 350-376, 2007.
- MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira De Ciências Sociais**, v. 32, 2017.
- MÜLLER, Norbert; TODT, Nelson Schneider (Ed.). **Pierre de Coubertin (1863-1937) – Olimpismo** – Seleção de textos. EDIPUCRS, 2015.
- PADIGLIONE, Vincenzo. Diversidad y pluralidad en el escenario deportivo. **Apunts. Educación física y deportes**, v. 3, n. 41, p. 30-35, 1995.
- PARRY, Jim. Olimpismo para o século XXI. **Ciência e Cultura**, v. 68, n. 2, p. 49-53, 2016.
- MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. **Rev. ODEP**. Vol. 1. Num. 1. Enero-Marzo, 2015.
- ROSSETTO, Adriano José. Cultura e Esporte: o possível diálogo. **Revista da ALESDE**, v. 4, n. 2, p. 46-55, 2014.
- RUBIO, Kátia. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 16, n. 2, p. 130-143, 2002.
- SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Editora Companhia das Letras, 2007.
- TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- VAZ, Alexandre Fernandez. Da modernidade em Walter Benjamin: crítica, esporte e escritura histórica das práticas corporais. **Educar em revista**, p. 61-79, 2000.